

Japão espera para investir

Os japoneses só voltarão a investir normalmente no Brasil após resolvidos os grandes problemas econômicos, em especial o controle do processo inflacionário, e encontrado o melhor caminho para o tratamento da dívida externa. A previsão foi feita ontem, no Rio, pelo presidente executivo da Namura Securities, Setsuya Tabuchi, ao afirmar que "a credibilidade do Brasil está muito baixa no cenário internacional devido, principalmente, à moratória".

Mesmo assim, para o principal dirigente da maior corretora de valores do mundo, que no seu exercício social — de outubro de 1986 a setembro de 1987 — registrou uma receita de US\$ 7,2 bilhões, os investidores japoneses acreditam na recuperação da economia brasileira "o que justifica a presença no País de 40 empresários representando 27 das 93 corretoras que atuam na Bolsa de Valores de Tóquio".

Após lembrar que os investimentos japoneses no Brasil começaram a diminuir desde o momento em que o governo brasileiro reduziu os pagamentos dos juros da dívida externa, Tabuchi ressaltou que a questão da conversão da dívida também exercerá forte influência para reativar a aplicação de capitais estrangeiros no País.

Na sua opinião, qualquer proposta para conversão de dívida externa em investimento de risco deve envolver opções que atendam aos interesses do Brasil e dos credores, "porque no caso brasileiro o assunto envolve algo superior a US\$ 100 bilhões". Garantiu que os investidores do seu país estão interessados na proposta de conversão, até porque 13% da dívida eterna brasileira, quase US\$ 15 bilhões, estão concentrados em bancos japoneses.

O presidente executivo da Namura Securities negou que sua empresa esteja tratando da possibilidade de se associar com instituições brasileiras para a criação de um fundo de investimento para capital estrangeiro. "Nós estamos aqui para conhecer de perto a realidade econômica brasileira de que tanto se fala, porque afinal de contas o Brasil é alvo das atenções do mercado financeiro internacional, pelo tamanho da sua economia e da sua dívida".